



João Procença quer uma maior ligação entre a indústria e as universidades P.4

IESE e Harvard lançam curso de gestão de campanha eleitoral P.11

Número de estágios no grupo Edifer "reajustado" por causa da crise P.17

“Existem, claramente, demasiados cursos e universidades em Portugal”

O reitor da Universidade Técnica de Lisboa, Ramôa Ribeiro, em entrevista ao Diário Económico, defende que há ainda muito a fazer em termos de colaborações e parcerias dentro do nosso ensino superior, apesar de discordar com fusões entre universidades P.1



Foto: da Direcção Geral de Registo e Estatística do Ensino Superior e da Investigação Científica (DREIS)

FUS

queremos descobrir os melhores gestores para o futuro

1

se sempre a melhor escolha para quem quer ganhar um MBA te ajuda...

Agarra o teu futuro

www.iese.com

pr1mus
INTER PARES

www.pr1mus.com

“Há universidades e institutos politécnicos a mais no País”

Apesar de não concordar com as fusões entre universidades Ramôa Ribeiro defende que há cursos e universidades a mais em Portugal e há muita coisa a fazer em termos de colaboração.

Pena o reitor da Universidade Técnica de Lisboa (UTL), Fernando Ramôa Ribeiro, o Contrato de Confiança assinado há um ano “foi uma boa medida do ministro Mariano Gago e foi importante” para as instituições de ensino superior. Apesar dos cortes nos salários e no orçamento, o reitor defende que “tendo em conta os cortes que outros ministérios tiveram” os números não se podem “dar por insatisfetor”.

Como tem evoluído a política educativa da UTL ao longo destes 80 anos?

A política educativa foi criada com uma grande autonomia das escolas, porque nessa altura eram totalmente autónomas: o IST, o ISEG e o ISA. O papel desta universidade tem sido a procura de coesão, que é uma das minhas grandes apostas, tal como foi no anterior mandato e como vai ser no próximo. A coesão é de facto uma prioridade máxima até porque, hoje em dia, penso que as palavras-chave são a massa crítica e a excelência. Nenhuma universidade pode ter, a nível internacional, uma boa colocação no ranking se não tiver massa crítica e excelência. Isso também tem sido discutido em Portugal e a fusão com a UL.

Concorda com as fusões?

Não. Penso que estamos muito longe disso. A UL e a UTL têm histórias muito diferentes, a UL é muito mais antiga, foi criada de raíz com as várias faculdades e tem até uma gestão diferente. As faculdades da UTL têm uma maior autonomia na UL, o poder está muito mais concentrado no reitor. Concordo em que há muita coisa a fazer em termos de colaboração com a UL e com a Universidade Nova de Lisboa, como em projectos de doutoramentos conjuntos, que temos vindo a fazer. Penso, também, que em breve poderemos começar para que os Serviços de Acção Social possam ser geridos de forma conjunta porque isso traz muita poupança nos gastos que temos com pessoal e com a gestão das residências.

Existem demasiados cursos e universidades em Portugal?

Existem, claramente, em Portugal demasiados cursos e demasiadas universidades e nós já acabámos com alguns cursos. Nos EUA, por exemplo, só se abre uma universidade se houver à sua volta dois milhões de habitantes. Portanto, em Portugal temos 10 milhões de habitantes e que corresponderia a cinco universidades. Temos muito mais do que isso e há universidades e institutos politécnicos a mais.

Como acha que se deveria reorganizar a rede universitária? Algumas licenciaturas estão desaparecendo...

Algumas têm de desaparecer, algumas têm de ser dadas de forma conjunta. Por exemplo, a UL diz que tem muita necessidade da área de Economia e nós temos muita necessidade da área de Direito. Portanto, entre o ISEG e a Faculdade de Direito seria importante que houvesse uma maior colaboração

“Nos EUA só se abre uma universidade se houver à sua volta dois milhões de habitantes. Em Portugal temos 10 milhões de habitantes o que corresponderia a cinco universidades.”

“Concordo em que há muita coisa a fazer em termos de colaboração com a UL e com a Universidade Nova, como projectos de doutoramento conjuntos.”

“O Contrato de Confiança está a ser cumprido, não na sua totalidade.”

porque nós não temos essas competências e a UL não tem as competências na área de Economia. Portanto, podemos continuar a falar e a discutir sobre isso, nesse sentido.

Como está a acompanhar o processo de avaliação da A3ES?

O processo da Agência tem corrido bem e o professor Alberto Amaral tem tido um dinamismo grande. Penso que a agência tem feito um esforço grande para que vários cursos sejam abolidos e que sejam extintos, mas o processo não tem sido muito conseguido com uma grande resistência de algumas universidades e de alguns institutos politécnicos. Não acho normal que haja uma Engenharia Agronómica e Floresta que tem tão poucos alunos no ISA, no Politécnico de Castelo Branco, no Politécnico da Guarda, na UTAD e na UP. De facto quando o número de alunos é muito reduzido algo tem de ser feito nesse sentido.

Há algum risco do Governo não cumprir com o Contrato de Confiança?

Penso que foi uma boa medida do ministro Mariano Gago e que foi importante. O Contrato de Confiança está a ser cumprido, não na sua totalidade, porque o que nos foi costado não foram só os artigos mas foi um pouco mais do que isso. Foram mais dois milhões e tal de euros, mas tendo em conta a situação do País e tendo em conta os cortes que outros ministérios tiveram acho que não nos podemos dar por insatisfetos.

Qual a sua opinião acerca do novo sistema de atribuição de bolsas?

É uma questão muito delicada, o País está a atravessar uma situação muito difícil e portanto os jovens mais carenciados têm mais dificuldades do que tinham no passado. Há um novo sistema que foi implementado através de uma plataforma e acho que isso é uma boa ideia. Como foi o primeiro ano isto custou a arrancar e houve alguma dificuldade na atribuição das bolsas. No caso da UTL, esse problema está praticamente resolvido e os estudantes já estão praticamente todos a receber as bolsas que estavam por atribuir.

É um sistema justo para os estudantes?

Acho que o sistema agora todo informatizado é um sistema que vai permitir uma maior eficácia na atribuição das bolsas e que impede os estudantes chegarem a Janeiro sem receber as bolsas, quando as aulas começam em Outubro. Era uma situação que para estudantes carenciados trazia uma dificuldade muito grande para o seu dia a dia. Sobre isso acho que o sistema melhorou, do ponto de vista de uma maior celeridade.

Quais são as suas expectativas? Como avalia o trabalho do ministro, do Governo?

O ministro não esteve bem no início do primeiro mandato, mas actualmente temos de reconhecer como se esforçou, nos últimos dois anos, para que a universidade portuguesa tivesse mais financiamento. O Contrato de Confiança foi um grande passo. Estamos otimistas que, se isso se mantiver, Portugal vai dar um salto importante. Vai ser mais internacional, mais integrado e mais responsável pela sociedade. ■ Ana Patrícia

Fernando Ribeiro, presidente da Universidade Técnica de Lisboa, em uma reunião no Estado Superior, na sala de reuniões.



***80**

A Universidade Técnica de Lisboa comemora este ano o seu 80.º aniversário.

U/3



“Faz sentido a criação de um ‘ranking’ a nível nacional”

O reitor da UTL acredita que os ‘rankings’ são fundamentais para captar alunos estrangeiros e que estão para ficar.

O reitor da Universidade Técnica de Lisboa, Rómulo Ribeiro, acredita que os ‘rankings’ “são fundamentais”, sobretudo de muitos outros reitores. Em sua opinião, o sistema de ensino superior português “teria ganho com a criação de um ‘ranking’ nacional e em seguir uma prática que se faz “a nível internacional”. Para além disso, Rómulo Ribeiro defende que “é preciso que os jovens e os pais saibam quais são as melhores universidades portuguesas”.

Faz sentido a criação de um ranking nacional ou concorda com o ‘ranking’ a nível europeu?
Faz sentido a nível nacional. Há muitos colegas meus que não estão de acordo com isto. O ‘ranking’ não será feito por nós, são dados que serão fornecidos e alguém tratará de os analisar. Se isso é feito a nível internacional a depois vamos ganhar os ‘rankings’ a nível internacional, depois fazemos nós a seleção. Mas acho que tem interesse, é feito em todas as partes do mundo.

O sistema universitário português tinha ganhos com isto?

Penso que sim, é preciso que os jovens e os pais dos jovens saibam quais são as melhores universidades portuguesas. Antigamente, mesmo na Universidade do Porto ou na UTL, havia jovens de praticamente todo o país. Hoje em dia, os jovens que estão na UTL são praticamente todos de um raio de 50 quilómetros à volta de Lisboa. Isto está muito mais equalizado, o que penso que é um erro que tem que ver com universidades a mais e politécnicos a mais. Penso que devemos captar os melhores e os melhores não estão só em Lisboa.

Acha então que os ‘rankings’ são importantes?

São fundamentais. Posso gostar ou não gostar, mas eles estão para ficar e são muito reconhecidos na vida internacional, até para captar estudantes estrangeiros. Eles vão ver os ‘rankings’ qual é a posição da nossa universidade e se ela não está bem colocada mais dificilmente virão. Também há outras coisas que podemos oferecer, há o bom clima, costei, não devemos ter vergonha de o dizer. Eu tive um aluno dinamarquês que me disse, “eu vim para aqui porque é uma excelente escola de engenharia, mas também porque quero fazer o ‘top 100’”. ■ *Luís Pereira*

Os alunos estrangeiros “vão ver aos ‘rankings’ qual é a posição da nossa universidade e se ela não está bem colocada mais dificilmente virão”.